

JANET SKESLIEN CHARLES

A
BIBLIOTECA
DE
PARIS

Tradução de
Maria Beatriz de Medina

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2021

Para os meus pais

CAPÍTULO 1

Odile

PARIS, FEVEREIRO DE 1939

NÚMEROS PAIRAVAM COMO estrelas dentro da minha cabeça. 823. Os números eram a chave para uma vida nova. 822. Constelações de esperança. 841. No meu quarto, tarde da noite, ou de manhã a caminho de buscar croissants, séries e mais séries — 810, 840, 890 — ganhavam forma diante dos meus olhos. Eles representavam a liberdade, o futuro. Junto dos números, eu tinha estudado a história das bibliotecas, retornando ao ano de 1500. Na Inglaterra, enquanto Henrique VIII decapitava suas esposas, o nosso rei François modernizava a sua biblioteca, que abriu aos intelectuais. O seu acervo real foi o começo da Bibliothèque Nationale. Agora, na escrivaninha do meu quarto, eu me preparava para a entrevista de emprego na Biblioteca Americana em Paris e revisava uma última vez as minhas anotações: fundada em 1920; a primeira em Paris a permitir o acesso do público às estantes; sócios de mais de trinta países, um quarto deles da França. Eu me agarrava a esses fatos e números na esperança de que me fizessem parecer qualificada diante da diretora.

Saí do apartamento da minha família na fuliginosa rue de Rome, diante da estação ferroviária de Saint-Lazare, onde as locomotivas tos-

siam fumaça. O vento açoitava o meu cabelo, então enfei as madeixas embaixo da boina. À distância, dava para ver a cúpula de ébano da igreja de Santo Agostinho. Religião, 200. Antigo Testamento, 221. E o Novo Testamento? Esperei, mas o número não vinha. Eu estava tão nervosa que esquecia fatos simples. Tirei o caderno da bolsa. Ah, sim, 225. Eu sabia.

Minha parte favorita da faculdade de biblioteconomia fora o Sistema Decimal de Dewey. Concebido em 1873 pelo bibliotecário americano Melvil Dewey, o sistema usava dez classes para organizar os livros nas estantes da biblioteca com base no assunto. Havia números para tudo, o que permitia a qualquer leitor encontrar qualquer livro em qualquer biblioteca. Por exemplo, *maman* se orgulhava do seu 648 (serviço doméstico). *Papa* não admitiria, mas gostava bastante de 785 (música de câmara). Meu irmão gêmeo era mais uma pessoa 636.8, enquanto eu preferia 636.7. (Gatos e cães, respectivamente.)

Cheguei ao *le grand boulevard*, onde, no espaço de um quarteirão, a cidade largava o manto de classe operária e vestia um casaco de *mink*. O cheiro acre do carvão se dissipava, substituído pelo jasmim melífero de Joy, usado pelas mulheres que se deliciavam com as vitrines de vestidos Nina Ricci e luvas de couro verde Kislav. Mais adiante, passei por músicos que saíam da loja que vendia partituras enrugadas, depois pelo prédio barroco com a porta azul e virei à esquina num beco estreito. Conhecia o caminho de cor.

Eu amava Paris, uma cidade com segredos. Como capas de livro, algumas de couro, outras de pano; cada porta parisiense levava a um mundo inesperado. Um pátio poderia conter um emaranhado de bicicletas ou uma *concierge* corpulenta armada com uma vassoura. No caso da Biblioteca Americana em Paris, a imensa porta de madeira se abria para um jardim secreto. Ladeado por petúnias de um lado e grama do outro, o caminho de seixos brancos levava à mansão de pedra e alvenaria. Atravessei o patamar, sob a bandeira francesa e a americana que tremulavam lado a lado, e pendurei meu casaco no cabideiro bambo. Ao inspirar o melhor cheiro do mundo — uma mistura de aroma antiquado de livros embolorados com páginas novas de jornal —, me senti como se voltasse para casa.

Alguns minutos adiantada para a entrevista, passei pelo balcão de registro onde a bibliotecária, sempre cordial, escutava os sócios (“Onde um sujeito encontra um bife decente em Paris?”, perguntou um recém-chegado com botas de caubói. “Por que tenho de pagar a multa se nem terminei de ler o livro?”, indagava a reclamona Madame Simon), e entrei no silêncio da acolhedora sala de leitura.

Numa mesa perto das janelas francesas, a professora Cohen lia o jornal, uma elegante pena de pavão enfiada no coque *chignon*; Mr. Pryce-Jones examinava o *Time* enquanto pitava o cachimbo. Normalmente, eu diria olá, mas, nervosa com a entrevista, busquei refúgio na minha seção favorita das estantes. Eu adorava estar cercada por histórias, algumas velhas como o tempo, outras publicadas no último mês.

Achei que poderia procurar um romance para o meu irmão. Agora, era cada vez mais frequente, em todas as horas da noite, eu acordar com o som dele datilografando seus panfletos. Se Rémy não estivesse escrevendo artigos sobre a ajuda que a França devia dar aos refugiados expulsos da Espanha pela guerra civil, ele estaria insistindo que Hitler tomaria a Europa do jeito que tomara um naco da Tchecoslováquia. A única coisa que fazia Rémy esquecer suas preocupações — o que equivaleria às preocupações dos outros — era um bom livro.

Passei os dedos pelas lombadas. Escolhi um e abri num trecho ao acaso. Eu nunca julgava os livros pelo começo. Era como o primeiro e último encontro que tive, nós dois sorrindo demais. Não, eu abria em uma página no meio, onde o autor não estava tentando me impressionar. “Há escuridões na vida e há luzes”, li. “És uma das luzes, a luz de todas as luzes.” *Oui. Merci*, Mr. Stoker. Era o que eu diria a Rémy, se pudesse.

Agora eu estava atrasada. Corri para o balcão de registro, onde assinei o cartão e enfi *Drácula* na bolsa. A diretora aguardava. Como sempre, seu cabelo castanho estava preso num coque alto, uma caneta de prata na mão.

Todo mundo conhecia Miss Reeder. Ela escrevia artigos para jornais e brilhava no rádio, convidando todos à biblioteca — estudantes, professores, soldados, estrangeiros e franceses. Ela tinha convicção de que lá havia lugar para todos.

— Sou Odile Souchet. Desculpe o atraso. Cheguei cedo, mas abri um livro...

— Ler é perigoso — disse Miss Reeder com um sorriso sábio.
— Vamos para a minha sala.

Eu a acompanhei pela sala de leitura, onde sócios de terno elegante baixavam o jornal para ver melhor a famosa diretora, pela escada em espiral acima e por um corredor na sagrada ala “Só para funcionários” até a sua sala, que tinha cheiro de café. Na parede, pendia a grande foto aérea de uma cidade, os quarteirões como um tabuleiro de xadrez, tão diferente das ruas sinuosas de Paris.

Ao notar o meu interesse, ela disse:

— Essa é Washington, D.C. Eu trabalhava na Biblioteca do Congresso.

Com um gesto, ela me indicou uma cadeira e se sentou à sua mesa coberta de papéis — alguns tentando escapular do escaninho, outros amparados no lugar por um furador. No canto, havia um lustroso telefone preto. Ao lado de Miss Reeder, uma cadeira sustentava uma pilha de livros. Notei romances de Isak Dinesen e Edith Wharton. Um marcador — uma fita de cor viva, na verdade — chamava atenção em cada um, convidando a diretora a retornar.

Que tipo de leitora era Miss Reeder? Ao contrário de mim, ela nunca deixava os livros abertos por falta de um *marque-page*. Nunca os deixaria empilhados embaixo da cama. Leria quatro ou cinco ao mesmo tempo. Um livro enfiado na bolsa para as viagens de ônibus pela cidade. Um sobre o qual uma amiga querida lhe pedira opinião. Outro do qual ninguém nunca saberia, um prazer secreto para as tardes chuvosas de domingo...

— Qual é o seu escritor favorito? — perguntou Miss Reeder.

Qual é o seu escritor favorito? Pergunta impossível de responder. Como escolher um só? Na verdade, minha tia Caro e eu tínhamos criado categorias — escritores mortos, vivos, estrangeiros, franceses etc. — para não ter de decidir. Pensei nos livros da sala de leitura que eu tocara apenas um momento atrás, livros que tinham me tocado. Eu admirava o modo de pensar de Ralph Waldo Emerson: *Não estou*

solitário enquanto leio e escrevo, embora ninguém esteja comigo, assim como o de Jane Austen. Embora a autora escrevesse no século XIX, a situação de muitas mulheres de hoje continuava a mesma: futuros determinados pela pessoa com quem se casavam. Três meses atrás, quando informei aos meus pais que não precisava de marido, *papa* torceu o nariz e começou a trazer do trabalho um subordinado seu a cada domingo para almoçar. Como o peru que *maman* trinchava e polvilhava com salsa, *papa* oferecia cada um numa travessa: “Marc nunca faltou ao trabalho, nem mesmo quando ficou gripado!”

— Você lê, não lê?

Papa costumava se queixar de que a minha boca trabalhava mais depressa do que a mente. Num relâmpago de frustração, respondi à primeira pergunta de Miss Reeder.

— Meu escritor morto favorito é Dostoiévski, porque gosto do personagem Raskólnikov. Ele não é o único que quer bater na cabeça de alguém.

Silêncio.

Por que eu não dera uma resposta normal — por exemplo, Zora Neale Hurston, minha escritora viva favorita?

— Foi uma honra conhecê-la.

Fui até a porta, sabendo que a entrevista havia terminado. Quando meus dedos tocaram a maçaneta de porcelana, ouvi Miss Reeder dizer:

— “Lança-te diretamente na vida, sem deliberação; não tema; a enchente te levará à margem e te deixará a salvo, de pé outra vez.”

Minha passagem favorita de *Crime e castigo*. 891.73. Virei-me.

— A maioria dos candidatos responde que o favorito é Shakespeare — disse ela.

— O único escritor que tem um número decimal Dewey só seu.

— Alguns mencionam *Jane Eyre*.

Seria uma resposta normal. Por que eu não disse Charlotte Brontë, ou qualquer irmã Brontë, aliás?

— Também adoro Jane. As irmãs Brontë compartilham o mesmo número: 823.8.

— Mas gostei da sua resposta.

— Gostou?

— Você disse o que sentia, não o que achou que eu queria ouvir. Isso era verdade.

— Não tenha medo de ser diferente. — Miss Reeder se inclinou para a frente. Seu olhar, inteligente, firme, encontrou o meu. — Por que quer trabalhar aqui?

Eu não podia lhe contar a verdadeira razão. Soaria mal.

— Decorei o Sistema Decimal de Dewey e só tirei 10 na faculdade de biblioteconomia.

Ela deu uma olhada em meu currículo.

Sua ficha é impressionante. Mas você não respondeu à minha pergunta.

— Sou sócia daqui. Adoro a língua inglesa...

— Isso eu posso ver — disse ela, com um toque de desapontamento na voz. — Obrigada pelo seu tempo. Vamos lhe avisar o que resolvemos daqui a algumas semanas. Vou te acompanhar até a saída.

De volta ao pátio, soltei um suspiro de frustração. Talvez devesse ter admitido por que queria o emprego.

— Qual é o problema, Odile? — perguntou a professora Cohen.

Eu adorava suas palestras sobre Literatura Inglesa na Biblioteca Americana em Paris, nas quais só se conseguia lugar em pé. Com o inconfundível xale roxo, ela tornava acessíveis livros assustadores como *Beowulf*, e suas palestras eram animadas, com uma pitada de humor astuto. Nuvens de um passado escandaloso flutuavam na sua esteira como o toque de lilases do seu *parfum*. Diziam que *Madame le professeur* era de Milão. Uma *prima ballerina* que abriu mão da condição de estrela (e do marido enfadonho) para acompanhar um amante até Brazzaville. Quando voltou a Paris — sozinha —, estudou na Sorbonne, onde, como Simone de Beauvoir, passou em *l'agrégation*, o difícilíssimo exame estatal, para ensinar no nível mais alto.

— Odile?

— Eu fiz papel de boba na entrevista de emprego.

— Uma mocinha inteligente como você? Contou a Miss Reeder que não perde nenhuma das minhas palestras? Eu gostaria que meus alunos fossem assim tão fiéis.

- Nem pensei em mencionar isso.
- Inclua tudo o que quer lhe dizer num bilhete de agradecimento.
- Ela não vai me escolher.
- A vida é uma batalha. Você tem de lutar pelo que quer.
- Não tenho certeza...

— Pois eu tenho — disse a professora Cohen. — Acha que os homens antiquados da Sorbonne me contrataram simplesmente assim? Eu me esforcei muito para convencê-los de que uma mulher podia dar aulas na universidade.

Ergui os olhos. Antes, eu só notara o xale roxo da professora. Agora, via os seus olhos de aço.

— Ser persistente não é ruim — continuou ela —, embora meu pai se queixasse de que eu sempre tinha de ter a última palavra.

— O meu também. Ele me chama de “determinada”.

— Ponha essa determinação no trabalho.

Ela estava certa. Nos meus livros favoritos, as heroínas nunca desistiam. A professora Cohen tinha razão quanto a pôr os meus pensamentos numa carta. Escrever era mais fácil do que falar cara a cara. Eu poderia riscar coisas e recomeçar, cem vezes se precisasse.

— A senhora tem razão... — eu disse.

— É claro que tenho! Informarei à diretora que você sempre faz as melhores perguntas nas minhas palestras, e faça o favor de ir até o fim.

Com um rodopio do xale, ela entrou na biblioteca.

Por pior que eu me sentisse, não importava; alguém na BAP sempre conseguia me levantar e me equilibrar. A biblioteca era mais do que tijolos e livros; sua argamassa eram as pessoas que se importavam umas com as outras. Eu já havia estado em outras bibliotecas, com as cadeiras duras de madeira e os cordiais “*Bonjour, Mademoiselle. Au revoir, Mademoiselle*”. Não havia nada de errado nessas *bibliothèques*, simplesmente lhes faltava a verdadeira camaradagem de comunidade. A biblioteca parecia um lar.

— Odile! Espere!

Era Mr. Pryce-Jones, diplomata inglês aposentado, com a sua gravata-borboleta de estampa *paisley*, seguido pela catalogadora, Mrs.

Turnbull, com a franja torta de um branco azulado. A professora Cohen devia ter lhes contado que eu me sentia desanimada.

— Nada jamais está perdido. — Sem jeito, ele me deu um tapinha nas costas. — Você vai conquistar a diretora. Basta escrever uma lista dos seus motivos, como faria qualquer diplomata digno do cargo.

— Pare de mimar a menina! — disse-lhe Mrs. Turnbull. Ela se virou para mim e falou: — Na minha cidade natal, Winnipeg, estamos acostumados com a adversidade. Ela faz de nós quem nós somos. Invernos com temperatura de quarenta graus negativos, e você não vai ouvir ninguém se queixando, ao contrário dos americanos... — Ela se lembrou da razão para ter saído de lá, uma oportunidade de mandar em alguém, e enfiou o dedo ossudo na minha cara. — Anime-se e não aceite um não como resposta!

Com um sorriso, percebi que lar era um lugar onde não havia segredos. Mas eu estava sorrindo. Isso já era alguma coisa.

De volta ao meu quarto, não mais nervosa, escrevi:

Cara Miss Reeder,

Obrigada por conversar sobre o emprego comigo. Fiquei empolgada por ser entrevistada. Essa biblioteca significa mais para mim do que qualquer outro lugar em Paris. Quando eu era pequena, minha tia Caroline me levou à Hora da História. Foi graças a ela que estudei inglês e me apaixonei pela biblioteca. Embora a minha tia não esteja mais entre nós, continuo a buscá-la na BAP. Abro os livros e procuro pelo envelope colado no verso da capa, na esperança de ver o nome dela no cartão. Ler os mesmos romances que ela leu me faz sentir que ainda estamos próximas.

A biblioteca é o meu porto seguro. Sempre consigo encontrar um cantinho das estantes para chamar de meu, para ler e sonhar. Quero garantir que todos tenham essa oportunidade, principalmente as pessoas que se sentem diferentes e precisam de um lugar para chamar de seu.

Assinei o meu nome, encerrando a entrevista.

CAPÍTULO 2

Lily

FROID, MONTANA, 1983

ELA SE CHAMAVA Sra. Gustafson e morava na casa ao lado. Pelas costas, o pessoal a chamava de Noiva de Guerra, mas ela não me parecia uma noiva. Para começar, ela nunca usava branco. E era velha. Muito mais velha do que os meus pais. Todo mundo sabe que uma noiva precisa de um noivo, mas o marido dela tinha morrido havia muito tempo. Embora falasse duas línguas fluentemente, na maior parte do tempo, ela não falava com ninguém. Morava aqui desde 1945, mas sempre seria considerada a mulher que veio de outro lugar.

Era a única noiva de guerra em Froid, do mesmo jeito que o Dr. Stanchfield era o único médico. Às vezes, eu espiava a sua sala de estar, onde até as mesas e cadeiras eram estrangeiras: delicadas como mobília de casa de bonecas, com pernas esculpidas em nogueira. Eu xeretava a sua caixa de correio, na qual cartas vindas de lugares distantes como Chicago eram endereçadas à Madame Odile Gustafson. Comparado aos nomes que eu conhecia, como Tricia e Tiffany, “Odile” parecia exótico. O pessoal dizia que ela tinha vindo da França. Quis saber mais sobre ela e estudei os verbetes sobre Paris na enciclopédia. Descobri as gárgulas cinzentas de Notre-Dame e o Arco do Triunfo

de Napoleão. Mas nada do que li respondia à minha pergunta: o que tornava a Sra. Gustafson tão diferente?

Ela não era como as outras senhoras de Froid. Elas eram corpulentas como cambaxirras, com seus suéteres encaroçados e sapatos sem graça de um cinza de penugem. As outras senhoras iam ao mercado de rolinho no cabelo, mas a Sra. Gustafson usava suas melhores roupas de domingo — saia pregueada e salto alto — só para pôr o lixo para fora. Um cinto vermelho destacava a sua cintura. Sempre. Ela usava um batom de cor viva, até na igreja. “Essa com certeza tem uma autoestima elevada”, diziam as outras senhoras quando ela seguia até o seu banco perto do altar, os olhos escondidos pelo chapéu *cloche*. Ninguém mais usava chapéu. E a maioria dos paroquianos se sentava ao fundo, sem querer chamar para si a atenção de Deus. Nem do padre.

Naquela manhã, Garrote Maloney nos pediu que rezássemos pelos 269 passageiros de um Boeing 747 que fora derrubado do céu por mísseis K-8 soviéticos. Na televisão, o presidente Reagan tinha nos falado do ataque ao avião que ia de Anchorage a Seul. Enquanto o sino da igreja tocava, as palavras dele soavam nos meus ouvidos: “Pesar, choque, raiva... A União Soviética violou todos os conceitos de direitos humanos... não deveríamos nos surpreender com brutalidade tão desumana...” Os russos matariam qualquer um, ele parecia dizer, inclusive crianças.

Até em Montana, a Guerra Fria nos fazia tremer. O tio Walt, que trabalhava na base aérea Malmstrom, disse que mil mísseis Minuteman tinham sido plantados como batatas em nossas planícies. Embaixo de criptas redondas de cimento, as ogivas nucleares aguardavam pacientemente vir a nós o vosso reino. Ele se gabava que os Minutemen eram mais poderosos do que as bombas que tinham destruído Hiroshima. Dizia que mísseis buscam mísseis, e assim as armas soviéticas contornariam Washington e mirariam em nós. Em resposta, os nossos Minutemen se elevariam, atingindo Moscou em menos tempo do que eu levaria para me aprontar para a escola.

Depois da missa, a congregação atravessava lentamente a rua até o salão paroquial para um café, rosquinhas e a irmandade da fofoca. Mamãe e eu ficávamos na fila dos doces; no púlpito da cafeteira, pa-

pai e os outros homens se reuniam em torno do Sr. Ivers, presidente do banco. Papai trabalhava seis dias por semana na esperança de se tornar o vice-presidente.

— Os soviéticos não deixarão ninguém procurar os corpos. Ateus malditos.

— Quando Kennedy era presidente, os gastos com defesa eram setenta por cento maiores do que hoje.

— Somos um alvo fácil.

Eu escutava sem escutar — na cautela sem fim da Guerra Fria, essas conversas sinistras eram a trilha sonora dos nossos domingos. Ocupada empilhando rosquinhas no prato, levei um minuto para perceber que mamãe estava ofegante. Geralmente, quando ela tinha um ataque, havia alguma razão: “os fazendeiros estão na colheita e a poeira no ar provoca asma”, ou “o padre Maloney passa aquele incenso como se quisesse desinfetar”. Mas desta vez ela agarrou o meu braço sem dar nenhuma explicação. Conduzi-a até a mesa mais próxima e à cadeira ao lado da Sra. Gustafson. Mamãe afundou na cadeira de metal, me puxando para baixo junto com ela.

Tentei chamar a atenção de papai.

— Estou bem. Não faça uma cena — disse mamãe, com voz de quem falava sério.

— Trágico o que aconteceu com aquelas pessoas no avião — lamentou a Sra. Ivers no outro lado da mesa.

— É por isso que fico onde estou — concluiu a Sra. Murdoch. — Vadiar por aí só traz problemas.

— Muita gente inocente morreu — observei. — O presidente Reagan disse que um parlamentar foi morto.

— Menos um aproveitador. — A Sra. Murdoch enfiou o restinho da rosquinha entre os dentes amarelados.

— Que coisa feia de dizer. Todo mundo tem o direito de pegar um avião sem ser derrubado — eu disse.

Os olhos da Sra. Gustafson encontraram os meus. Ela fez que sim, como se o que eu pensava fosse importante. Embora eu tivesse adotado como passatempo observá-la, essa era a primeira vez que ela me notava.

— Corajoso da sua parte tomar uma posição — disse ela.
Dei de ombros.

— As pessoas não deviam ser más.

— Concordo plenamente — disse ela.

Antes que eu conseguisse falar qualquer coisa, o Sr. Ivers mugiu:

— A Guerra Fria já dura quase quarenta anos. Nunca vamos vencer.

Cabeças balançaram em concordância.

— Eles são assassinos de sangue-frio — continuou.

— Já conheceu algum russo? — perguntou-lhe a Sra. Gustafson
— Já trabalhou com algum? Pois eu já, e posso lhe dizer que não são diferentes do senhor nem de mim.

O salão inteiro ficou em silêncio. Onde ela conhecera o inimigo e como “trabalhara” com um deles?

Em Froid, sabíamos tudo sobre todo mundo. Sabíamos quem bebeu demais e por que, sabíamos quem sonegou os impostos e quem enganou a esposa, sabíamos quem morava em pecado com algum homem em Minot. O único segredo era a Sra. Gustafson. Ninguém sabia o nome dos seus pais nem como o pai dela ganhava a vida. Ninguém sabia como conhecera Buck Gustafson durante a guerra nem como o convencera a largar a namorada do ensino médio e se casar com ela em vez de ficar com a outra. Boatos circulavam ao redor dela, mas não iam para a frente. Havia tristeza nos olhos dela, mas seria perda ou remorso? E, depois de morar em Paris, como ela se contentara com esse pontinho sem graça na planície?

EU ERA aluna de “primeira fila, mão levantada”. Mary Louise se sentava atrás de mim e rabiscava na carteira. Hoje, na lousa, a Srta. Hanson tentou ao máximo despertar o interesse da nossa turma da sétima série em *Ivanhoé*; Mary Louise murmurou “Ivan não é”. No outro lado da sala, os dedos bronzeados de Robby se curvavam em torno do lápis. O cabelo dele, castanho como o meu, era cortado em camadas. Ele já sabia dirigir, porque tinha de ajudar a família a transportar o

trigo. Levou o lápis à boca, a borracha cor-de-rosa passando pelo lábio inferior. Eu conseguiria fitar eternamente o canto da sua boca.

Beijo francês. Torradas francesas. Batatas à francesa. Todas as coisas boas eram francesas. Até onde eu sabia, a vagem francesa era mais gostosa do que a americana. As músicas francesas tinham de ser melhores do que a música *country* que tocava na única estação de rádio da cidade. “A minha vida acabou quando a tal daquela vaca me trocou por outro touro.” Os franceses provavelmente também sabiam mais sobre o amor.

Eu queria descer pela pista de um aeroporto, de um desfile de moda. Queria me apresentar na Broadway, espiar atrás da Cortina de Ferro. Queria saber como seriam as palavras francesas na minha boca. Só uma pessoa que eu conhecia vivenciara o mundo além de Froid: a Sra. Gustafson.

Embora fôssemos vizinhas, era como se ela morasse a anos-luz de distância. Todo *Halloween*, mamãe avisava: “A luz da varanda da Noiva de Guerra está apagada. Isso quer dizer que ela não quer vocês, crianças, batendo à porta dela.” Quando Mary Louise e eu vendemos biscoitos das bandeirantes, a mãe dela disse: “Aquela velha ganha pouco, portanto não batam lá.”

O meu encontro com a Sra. Gustafson me deixou audaz. Eu só precisava do dever de casa certo para conseguir entrevistá-la.

Como esperado, a Srta. H pediu um relatório sobre o livro *Ivanhoé*. Depois da aula, fui até a mesa dela e perguntei se poderia, em vez disso, escrever sobre um país.

— Só dessa vez — disse ela. — Mal posso esperar para ler o seu relatório sobre a França.

Fiquei tão distraída com o meu plano que, quando fui ao banheiro, me esqueci de olhar sob as portas e trancar a porta principal. É claro que, quando terminei, Tiffany Ivers e a sua manada estavam de tocaia perto das pias, onde ela penteava o cabelo dourado cor de trigo diante do espelho.

— A descarga não funcionou — disse ela. — Aí vem um cocô.

Nada sofisticado, mas, quando olhei para o meu reflexo, só consegui ver o cabelo castanho-cocô. Fiquei perto dos compartimentos,

sabendo que, se lavasse as mãos, Tiffany me enfiaria embaixo da torneira e eu ficaria encharcada. Se não lavasse, elas contariam à escola inteira. Tinham feito isso com Maisie; ninguém se sentou perto da “Mão de Mijo” durante um mês. De braços cruzados, o quarteto do banheiro esperou.

A dobradiça da porta guinchou, e a Sra. H deu uma olhada.

— Ainda está aí, Tiffany? Você deve ter algum problema na bexiga.

As meninas saíram, com os olhos em mim como se dissessem *ainda não acabou*. Disso eu sabia.

Mamãe, a guerrilheira do otimismo, me dizia que visse o lado bom. Pelo menos o velho Ivers só gerara um rebento. E era sexta-feira.

Geralmente, nas sextas-feiras, meus pais recebiam o clube do jantar (mamãe assava costeletas de porco, Kay levava a salada e Sue Bob assava um bolo invertido de abacaxi), e eu passava a noite na casa de Mary Louise. Essa noite, porém, fiquei no meu quarto e redigi perguntas para a Sra. Gustafson. Enquanto os adultos comiam, risadas transbordavam da sala de jantar. Quando houve silêncio, eu soube que, como os lordes e as ladies da Inglaterra, as mulheres tinham saído da sala para que os homens pudessem se instalar nas poltronas e dizer o que não podiam tendo as esposas por perto.

Enquanto as mulheres lavavam a louça, escutei a outra voz de mamãe, a que ela usava com as amigas. Com elas, mamãe parecia mais feliz. Engraçado como a mesma pessoa podia ser várias outras. Isso me fez pensar que havia em mamãe coisas que eu não sabia, embora ela não fosse misteriosa como a Sra. Gustafson.

À minha escrivadinha, escrevi as perguntas conforme me vieram — Quando foi a última vez que a guilhotina cortou a cabeça de alguém? Na França também há Testemunhas de Jeová? Por que as pessoas dizem que a senhora furtou o seu marido? Agora que ele morreu, por que a senhora continua aqui? — e estava tão concentrada que só percebi que mamãe estava atrás de mim quando senti a sua mão quente em meu ombro.

— Não quis passar a noite na casa de Mary Louise?

— Estou fazendo o dever de casa.

— Numa sexta-feira — comentou ela, sem se convencer. — Dia difícil na escola?

A maioria dos dias era difícil. Mas eu não estava com vontade de falar sobre Tiffany Ivers. Mamãe estava com a outra mão para trás, que escondia um presente do tamanho de uma caixa de sapato.

— Fiz uma coisa para você.

— Obrigada!

Rasguei o papel de embrulho e encontrei um colete de crochê.

Vesti sobre a camiseta, e mamãe puxou a cintura, contente com o tamanho.

— Você é linda. O verde destaca as sardas nos seus olhos.

Uma olhada no espelho confirmou que eu parecia uma idiota. Se usasse o colete na escola, Tiffany Ivers me comeria viva.

— É... legal — disse à mamãe, tarde demais.

Ela sorriu para esconder a mágoa.

— Então, em que está trabalhando?

Expliquei que tinha de fazer um relatório sobre a França e que precisava entrevistar a Sra. Gustafson.

— Ah, querida, não sei se deveríamos incomodá-la.

— São só algumas perguntas. Não podemos convidá-la para vir aqui?

— Acho que sim. O que você quer perguntar?

Apontei para o papel.

Depois de dar uma olhada na lista, mamãe expirou alto.

— Sabe, pode haver uma razão para ela nunca ter voltado.